

Renascer masculino

As histórias de cinco homens que, após constituir família em casamentos heterossexuais duradouros, tiveram a coragem de assumir a verdadeira sexualidade

POR RAFAEL CAMPOS

Família. Há poucas palavras mais carregadas de significados que essa. E que tenha sofrido tantas mudanças em sua concepção através do tempo. O que antes era formado por um homem, uma mulher e seus filhos, hoje assume configurações que dão conta até mesmo de grupos de amigos que decidem viver juntos. Mas a busca pelo modelo tradicional ainda é constante.

Os avanços nos direitos dos homossexuais ainda não conseguiram amainar por completo os preconceitos que envolvem a atitude de sair do armário. Dessa forma, ainda são milhares os homens que, na ânsia por uma determinada imagem familiar, eclipsam a própria sexualidade. Eles se casam, têm filhos, mas não veem seus desejos indo embora. Acabam enredados em uma angústia que leva tempo para passar.

“Muitos homens se dão conta, quando se percebem num casamento apenas social, que isso não é justo — nem para eles nem para as mulheres com quem constituíram família, muito menos para os filhos, que merecem saber que o pai não é heterossexual e não precisam se envergonhar disso”, explica Vera Moris, psicoterapeuta especializada em paternidade homoafetiva e criadora do Homopater, um grupo que reúne pais gays cujos filhos nasceram de relações heterossexuais.

As histórias dos homens que venceram preconceitos e contaram aos filhos as suas verdades mostram que a paternidade não está vinculada ao que os casais — hetero ou homossexuais — fazem no quarto. O sentimento de ser responsável por uma vida não permite conflitos decorrentes da orientação sexual. E, quando decidem ser verdadeiros com aqueles que mais amam, têm a certeza de que fizeram escolhas certas: na hora de ter filhos e, depois, de contar a eles que eram gays.

“Para realizar esse grande feito — mostrar ao filho quem ele é —, o homem tem que ser muito forte, convicto, seguro de que ele pode, sim, ser um homem e pai, pode ser admirado, amado e respeitado, embora sua orientação não seja heterossexual”, completa Vera. Nas próximas páginas, cinco desses pais contam como foi revelar a homossexualidade à prole e o quanto a vida deles mudou após essa decisão.

**CORREIO
BRAZILIENSE**

Brasília, domingo,
17 de novembro de 2013

22 e 23

Era um domingo tipicamente familiar. O escritor Sérgio Viula, 44 anos, estava lavando as louças sujas do almoço com a filha, Larissa, então com 14 anos, enquanto seu filho menor, Isaac, à época uma criança de 11 anos, conversava com o namorado do pai. Até aquele dia, a sexualidade de Sérgio não era do conhecimento do garoto. Mas, com sua perspicácia infantil, ele já havia notado que aquele homem era mais que um amigo do pai. Com toda a tranquilidade, o menino levantou-se e perguntou, sem pudores: “Quando você percebeu que era gay, pai?”.

Arquivo Pessoal



Sérgio Viula, abraçado pelos filhos Isaac e Larissa. À direita, o companheiro Emanuel Silva

Os outros três presentes se entreolharam. Isaac exigia uma resposta. Sérgio pegou na mão dele e o levou para um passeio. Era a hora inevitável de falar tudo. Com calma, sem meias-verdades, Sérgio explicou ao filho toda sua história, sempre reforçando o amor que sentia por ele. Ao fim da conversa, Isaac o olhou com certa tristeza, o que deixou o pai temeroso. “Pensei que ele estivesse com vergonha de mim. Até que ele me disse que teria um problema: ‘Pai, eu gosto mesmo é de meninas’. Ri muito e disse que ele poderia gostar do que quisesse e eu o respeitaria”.

Hoje, com os dois filhos adultos, tanto Sérgio quanto eles sabem que, de fato, não importa se um pai é hétero ou homossexual. O amor paterno está acima das diferenças. Mas o escritor precisou de 34 anos para aceitar isso. “Sempre tive ciência de que eu era diferente, mesmo sem conseguir nomear. Tanto a família quanto a escola me retraíram e acabei me envolvendo com igrejas evangélicas na expectativa de controlar meus desejos homossexuais.”

Ao buscar o divino, Sérgio esperava encontrar um sentido numa vida que ele considerava errada. Quando se tornou evangélico, viu-se com dois caminhos: o celibato ou o casamento heterossexual. Sua dificuldade em aceitar a si mesmo era tanta que o escritor chegou a se envolver profundamente com um grupo que visava trazer homossexuais para a igreja na intenção de

“curá-los”. “Ele se chamava Movimento pela Sexualidade Sadia. Veja só o preconceito. Fiz parte dele entre 1997 e 2003.” Aos 18 anos, conheceu a ex-mulher. Aos 20, casaram-se.

Por 14 anos, ele viveu um relacionamento que o fazia sentir culpa diariamente. Os filhos, de certa forma, eram um alento. Contudo, em uma viagem religiosa para Singapura, ficou um mês longe de casa e acabou tendo uma noite com outro homem. Depois disso, chegou ao seu limite — foi quando pediu separação e contou para a família e para os membros da igreja que era homossexual. A enxurrada de preconceitos estava por vir. No auge da crise, o gesto mais sensato veio da filha, então com 11 anos. “Pai, por que está todo mundo contra você? Todos deveriam te amar do jeito que você é”, disse Larissa.

Era o que Sérgio precisava. Colocou a filha no colo e contou toda sua vida, desde a infância. “Quando terminei, perguntei o que ela estava sentindo. Ela me respondeu: ‘Estou sentindo o quanto você sofreu.’” A partir daí, a influência que sua sexualidade teve nas suas relações com as outras pessoas foi mínima. E, de acordo com Sérgio, a própria família percebeu que ele sempre fora pai e mãe, participando ativamente de todos os momentos deles. “Hoje, minha filha mora na casa acima da minha e do meu marido. E meu filho mora com a minha mãe, na casa dos fundos. Estamos todos juntos.”

Sérgio acredita que, somente ao sair do

armário, pôde se dar conta do quanto ter filhos é uma decisão que deve ser pensada, seja qual for a sexualidade do casal. “Criamos expectativas demais e devemos ficar felizes só de pensar que eles nasceram totalmente saudáveis. Seja você gay, seja hetero, isso não vai mudar a forma como você cuidará do seu filho.”

Larissa e Isaac são heterossexuais e, quando apresentam o pai aos amigos ou namorados, deixam claro que ele é gay. Ele acredita que isso demonstra não só que eles estão bem com a orientação sexual do genitor, mas que estão dispostos a não reproduzir preconceitos caso desejem ter sua prole. “Antes de ter uma criança, racionalize o que você espera dela. Só tenha um filho se você puder cuidar dele. Seja qual for a sua sexualidade”, pondera o escritor.

Larissa, hoje com 21 anos, conseguiu atravessar a adolescência protegida de bullying graças, em parte, à sua franqueza. “Cheguei na escola e contei para todas as minhas amigas. Elas se assustaram, mas nunca fizeram qualquer comentário ruim, até porque sempre deixei bem claro o quanto eu tenho orgulho do meu pai.” Para a consultora, a única diferença entre ter sido criada por um pai homossexual é que, tanto ela quanto o irmão, cresceram em um ambiente bem mais tolerante. “Nós aprendemos a respeitar muito mais as pessoas porque olhamos o próximo da mesma forma como olhamos para nós mesmos”, acredita a jovem. ►



Quando a ex-mulher chegou com a notícia da gravidez, o professor Sílvio Henrique Barbosa pensou que, finalmente, havia conseguido provar a si mesmo que era heterossexual. Era apaixonado pela mulher, apesar de ainda manter desejos homossexuais. Mas aquela criança seria seu passaporte para o que ele entendia como uma vida feliz. “A única opção que o homossexual tem é a de se reconhecer como tal. Ser gay é uma condição e, naquele momento, escolhi não me reconhecer”, lembra.

A manutenção do segredo foi se tornando menor a cada ano. Mesmo amando a filha cada vez mais, não conseguia deixar de lado seus impulsos. “Minha ex-mulher era perfeita e tive 15 anos de um casamento feliz. Achava que aquela família era a chave e que eu viraria ‘a pessoa certa’. Não deu e, quando fiz 40 anos, a crise emergiu pesada.” Havia se casado aos 26 anos, sempre acreditando que a mulher certa o faria superar a traição que sofreu do primeiro namorado, aos 18 anos.

“Aquilo me fez pensar que uma relação gay não poderia ser séria. Tanto que contei para ela o que havia acontecido antes de nos casarmos. Mas, durante todo o tempo em que estivemos juntos, me senti um homossexual preso em uma realidade heterossexual.” Separou-se da mulher, contou para as pessoas mais próximas sobre sua orientação, mas ainda mantinha a sensação de que nunca teria uma relação gay séria. A filha ia

Arquivo Pessoal



Sílvio Henrique Barbosa

crescendo e ele prometeu a si mesmo que abriria o jogo quando a adolescente completasse 15 anos.

Temia, sobretudo, que ela tomasse conhecimento da situação por meio de outras pessoas. Traçou metas, mas não conseguia decidir a hora certa da conversa. Claro que a filha não esperou. Em três anos de separação, ela jamais havia visto o pai com uma nova namorada. No celular, nenhuma mensagem de mulheres. Ela mesma ligou os pontos e, durante um passeio de carro, decidiu perguntar o porquê daquele rapaz ir tanto ao apartamento do pai. “Respirei fundo e vi que ela já sabia da resposta. Mesmo assim, perguntei: ‘Você está preparada para saber?’ Ela me respondeu: ‘Dormi superbem essa noite. Estou preparada para ouvir qualquer coisa.’ Os filhos só precisam de uma confirmação. E eu dei isso a ela.”

Sílvio lembra que ela fez um silêncio de 20 segundos que, para ele, du-

rou 20 anos. Então, a filha o olhou e disse: “Contanto que você esteja feliz, está tudo bem”. E seguiu o diálogo:

Sílvio: “Mas é só isso que você vai fazer?”

Carolina: “O que o senhor estava esperando? Que eu me jogasse do carro?”

Sílvio: “Isso era o mínimo”.

A conversa terminou em gargalhadas. “Isso não pesou em nada na nossa relação. Eu dizer que sou gay foi mais uma informação da minha vida que compartilhei com ela, mas não foi a mais importante.”

Sílvio confia na criação que deu a Carolina e afirma que a homossexualidade não diminuiu sua autoridade paterna, nem causou transtornos a ela. “Uma mãe alcoolista, um pai violento, isso sim causa problemas. Fui criado numa imposição de que ser gay é errado e hoje vejo que minha filha, que tem um pai gay, é extremamente bem educada e feliz. Ser gay é ser vivo. E ser pai também.”

Jogo de papéis

Ainda há muitos homossexuais que decidem encarar um relacionamento heterossexual. E não só porque temem o julgamento social. De acordo com Vera Moris, psicoterapeuta especializada em paternidade homoafetiva, a imagem social do homem se mantém muito ligada à heterossexualidade, o que faz com que muitos deles confundam os desejos e demorem a se identificar como gays.

“Esse homem em questão não se vê nem se define como ‘homossexual’, visto que ele gosta de mulher, se enamora de uma delas e quer ser pai ou constituir família. A atração pelo mesmo sexo não é percebida — tampouco aceita — como uma real orientação homoafetiva para muitos homens e pais, que apenas mais tarde vão se aceitar e se revelar homossexuais.” Para a especialista, muitos homens são educados em uma realidade na qual a homossexualidade não é uma verdade conhecida e que chega tarde — entre 35 e 45 anos, de acordo com suas pesquisas, é que eles começam a deixar o armário.

“A consciência de sua homossexualidade mais tardia traz para ele mesmo e toda a família a necessidade de enfrentar os desafios e as crises, associados ao divórcio, à autoaceitação e à revelação.” Ao encontrar nas parceiras um amor, bem como uma esperança de vencer os seus desejos homossexuais, há o discurso de que aquela fase vai passar e eles jogam todas as fichas nessa expectativa. “O fato de a sociedade não aceitar a possibilidade da orientação sexual não hetero faz parte de um grande sistema que colabora sobremaneira para dificultar a própria autoaceitação daquele que se percebe homossexual.”

Por isso, quando o momento chega, é a vontade de ser sincero consigo mesmo o motivo mais evidente, já que é nessa hora que ele assume para o mundo uma identidade homoafetiva, que já era do seu conhecimento, mas precisava ser anunciada à família. “Para um pai, sair do armário, é um longo processo que passa primeiro pela autoaceitação, depois pela necessidade de ser reconhecido por quem ele ama, até chegar à revelação aos que lhe são próximos e caros. Os medos estão associados com os preconceitos com os quais cada um foi criado e cresceu.” Assim, quanto mais recriminado aquele homem foi, mais medo e culpa vão prolongar sua aceitação.

Vera explica que as histórias, sempre únicas, carregam um grande repertório de sofrimento. Quanto mais a sociedade aceitar a diversidade da orientação sexual, garante a psicoterapeuta, menor será o grau de preconceito e medos. Assim, mais cedo poderá se dar o autorreconhecimento e aceitação pessoal da homoafetividade. O modo de contar aos filhos, claro, depende da relação com que o pai mantém. “O que se sabe por pesquisas e por nossa prática com os pais é que, quanto mais cedo, melhor. Ou seja, a criança crescer e se habituar à sexualidade do pai é a melhor forma de aceitá-la”, explica Moris.

Na adolescência, o filho já está lidando com os conflitos intrínsecos à fase, bem como entendendo a própria sexualidade. “Outro momento ruim é contar aos filhos quando está existindo qualquer outro problema mais crítico na família, como divórcio, doença ou morte.” E, na fase adulta, há o risco de os filhos entenderem que o pai não confiou na sua compreensão. O mais importante, aponta Vera, é saber que, se o momento surge, é preciso muita franqueza e disposição para aceitar todas as dificuldades que o filho venha a ter.

E eles precisam saber que, em muitos casos, o preconceito com o homem que sai do armário depois de uma relação heterossexual pode até ser maior do que o observado em casais gays que adotam. “Existe maior incompreensão mesmo, como se o homem que se assume mais tardiamente estivesse mentindo ou enganando — camuflando sua verdadeira identidade. O que não é uma verdade, visto que a grande maioria dos homens que se assumiram após serem pais se casaram e tiveram filhos porque estavam, naquele momento, convictos de sua orientação heterossexual.”

Mesmo diante de tantas dificuldades, a psicoterapeuta garante que as vantagens sempre acabam aparecendo. “Podemos dizer que a absoluta maioria dos pais sentem um grande benefício em seu relacionamento com os filhos depois que se revelam para eles; é um alívio para todos e um grande ganho de qualidade de relacionamento, porque aproxima mais.”

O administrador Lucas (nome fictício), 54 anos, viveu quase todo o seu casamento em um ambiente extremamente masculino. Afinal, ele e a ex-mulher tiveram três meninos — hoje com idades entre 22 e 12 anos — e tudo na casa girava em torno de temas caros a esse universo. Era apaixonado pela família e pela ex-companheira. E, durante a maior parte do período em que estiveram juntos, acreditou que poderia deixar de ser gay. “A culpa era sempre muito grande. Eu sentia vergonha do que desejava e isso me deixava angustiado o tempo inteiro.”

Após anos de terapia, chegou o momento de se abrir. Primeiro, para a ex. “Eu precisava ser honesto, deixá-la viver a vida dela e começar a viver a minha. Conteí tudo que ela quis saber. Fizemos terapia de casal porque eu não estava me separando por não a amar, mas por ser gay. Mas eu temia diariamente que isso destruísse minha família.” Lucas diz que carregava muitos monstros, reforçados por estereótipos que traziam uma visão negativa da homossexualidade. “Criei uma carapaça para mim. Não queria me ver porque ainda considerava ser gay algo ruim.”

Para que essa dor findasse, lembra, o mais importante foi a conversa com os filhos. Foram nove meses de preparação, em um esforço conjunto com a ex, para determinar qual a melhor forma e momento. “Era extremamente importante que eles soubessem por mim. Era minha história e isso faz diferença na hora de saber. Porque, ao falar, quis dar o exemplo para eles que é possível ser feliz vivendo a sua verdade.” Lucas, então, escreveu uma carta e reuniu os três filhos. Nela, ele declarava tudo o que sentia, tudo que passou, dando aos filhos a dimensão do que viveu. Ao terminar a leitura, veio um longo silêncio.

“Foi quando o meu filho do meio se levantou e me abraçou. O mesmo fez o mais velho. E a mãe deles puxou o mais novo e nós ficamos abraçados por quase uma hora. Foi um momento em que tive muito orgulho deles.” Mesmo que os filhos tenham recebido a notícia com respeito, Lucas sugeriu a todos uma terapia em família, em um processo que os ajudou a desmistificar a palavra gay. Seus dois filhos mais velhos hoje moram no exterior. O de 12 anos ainda está na escola e Lucas tem uma maior preocupação com ele, de que não exista possibilidade de que a sexualidade do pai traga qualquer aborrecimento na relação dele com os colegas.

“Assumir para os meus filhos foi a decisão mais corajosa e acertada de minha vida. Temos um relacionamento maravilhoso, bem mais aberto, próximo e honesto do que era antes de eu assumir. Sem dúvida, o apoio deles faz eu me sentir forte e orgulhoso. Eles sabem que, agora, têm um pai em paz consigo mesmo e isso os deixa felizes.” Lucas acha que os três filhos são heterossexuais, mas garante que não teria problema caso eles fossem gays. “Eu ficaria contente de poder ajudar, porque não tive esse apoio. Depois de assumir para eles, percebi que o grande preconceito estava dentro da minha cabeça.” ➤

Nas lembranças mais antigas do fotógrafo Maurício Coutinho, 47 anos, está uma revista com homens despidos debaixo da cama da empregada e a necessidade de eles ganharem, todas as noites, um beijo. Ele tinha 8 anos de idade e não sabia o porquê daquela sensação. Mas ele precisava fazer e, como não falava aquilo para ninguém, acreditava que poderia viver com esse segredo pelo resto da vida.

Sua primeira experiência homossexual foi aos 14 anos e o fez sentir nojo de si mesmo. Mas o desejo sempre voltava. “Eu namorava meninas, mas não parava de ficar com meninos. Chegava até mesmo a beber para conseguir criar coragem.” Na sua cabeça, o que sentia por homens era apenas sexual e, quando conhecesse a mulher certa, aquela vontade cessaria. “Eu me apaixonei pela minha ex-mulher. Achava que era bissexual e que, com ela, não ia mais precisar ficar com outros homens.”

Ao morar nos EUA, começou a ver a forma como os homossexuais lutavam pelos seus direitos. “Foi quando comecei a me questionar: por que não ter orgulho do que sinto? Por que não viver o que sinto?” Algumas experiências, mais outros anos de angústia e Maurício entendeu que toda sua negação era inútil: ele era gay. Terminou o casamento e, em 15 dias, estava apaixonado pelo seu primeiro namorado. “Eu tinha 30 anos e ele 18. Eu me sentia um idiota: como alguém tão jovem tinha tanta certeza de si e eu ainda sentia tanto medo?”

Nessa época, seu filho estava com 8 anos e o questionou sobre a forma como a mãe falava. Maurício, então, perguntou: “Sua mãe acha que sou gay. E se eu fosse?”. Ao ouvir do filho que isso não seria um problema, se abriu. “A resposta dele me surpreendeu: ‘Eu só tenho medo de alguém te sacanear’. Naquele

Maurício Coutinho/Arquivo Pessoa



Maurício Coutinho

momento, ele pensou em mim.”

Daí, seguiu-se uma conversa mais franca, na qual o garoto sanou dúvidas e Maurício assegurou que a dinâmica de uma relação heterossexual era idêntica a de uma homossexual. Feliz com a forma como ele lidou, Maurício ligou para o namorado que tinha à época, contando como tudo havia saído bem. Ao terminar a ligação, foi interpelado: “Pai, por que o senhor não mandou um beijo para ele? Se você diz que as relações são iguais, tem que mandar um beijo quando se despede”.

“Tive que ligar de novo só para mandar esse beijo”, lembra Maurício. O fotógrafo garante que não há diferença alguma entre um pai heterossexual e outro homossexual, e essa é a maior prova de que a sexualidade não é uma característica que vai ser passada pela forma como a criança é educada. “Até porque há milhões de filhos de heterossexuais que são homossexuais.”

O que é preciso, na opinião dele, é que se cesse o discurso de que pais gays terão filhos gays. No caso dele, a sua sexualidade acabou criando um mito entre os amigos do filho.

“Quando eles chegavam aqui, já se apresentavam e diziam o quanto queriam me conhecer, porque eles gostam do que é diferente. Meu filho nunca teve vergonha.” Com o tempo que levou para se encontrar, com a reação do seu filho à sua história e com a relação boa que se manteve entre eles, Maurício tinha histórias e opiniões suficientes para escrever sobre a própria vida. E foi disso que surgiu o blog Papai Gay (www.papaigay.com). De um primeiro post em que ele conta como foi sair do armário para o filho, Maurício começou a perceber a quantidade de homens que passam pelo mesmo dilema. “Ele era fechado e eu o abri, justamente, para ajudar outros pais. Era algo nosso que se tornou maior.”

Foram 33 anos de casado. Em uma Brasília ainda sob a mão pesada da ditadura militar, a homossexualidade era invisível e indizível. Pelo menos para o empresário Francisco (nome fictício), 60 anos, era assim. “Desde pequeno, sei que sou homossexual. Aos 15 anos, meu pai faleceu, eu me tornei arrimo de família e esse pensamento saiu da minha cabeça. Aos 21, conheci minha ex-mulher e, durante todo o tempo em que estivemos casados, não tive nenhuma outra relação.”

A culpa era constante, claro. Francisco chorava muito, ainda mais quando precisava se envolver demais no trabalho, que o fazia ter contato com muitos homens. O sofrimento diário foi consumindo toda sua vontade de viver e foi quando se deu conta de que precisava se aceitar. E, dessa forma, explicar aos filhos quem ele era de verdade. Entretanto, ele não pôde escolher o momento. Durante uma reunião familiar, uma discussão aleatória resultou na sua confissão. Ao ser interpelado por um parente sobre a sua sexualidade, Francisco lembrou todos os seus anos preso a uma verdade heterossexual e disse, a plenos pulmões: “Sim, sou gay”.

“Foi o dia mais difícil da minha vida. Eu já tinha dito para mim mesmo que era gay, mas ali foi quando pus isso para os meus filhos. A reação deles foi ruim, violenta. Não conseguiam entender.” O processo foi lento, digerido aos poucos. O empresário começou a, de fato, viver as experiências das quais se afastou durante todos os anos anteriores. Hoje, mantém um relacionamento com um homem mais novo. Na família, o tema continua velado. “Eles me perguntam se está tudo bem na minha relação e só.”

Francisco acredita que isso se deve ao fato que é mais fácil para o pai aceitar um filho gay. “Sempre tive uma relação muito boa com eles. Mas os criei dentro de uma ideia de moralidade que interferiu no julgamento deles em relação à sexualidade dos outros. Porque eu nasci em uma sociedade que não admite o gay.” Os filhos continuam a trabalhar com o pai, mas há um distanciamento. Francisco garante ter feito sua parte como figura paterna, oferecendo as melhores escolas, o carinho, e isso, assegura, não tem relação alguma com sua sexualidade. Mas, confessa, reforçou comportamentos homofóbicos na tentativa de esconder a própria sexualidade e isso pode ter influenciado no momento em que eles souberam de tudo. “Mesmo assim, estamos bem. Lembro que, depois daquela primeira reação violenta, eles me olharam e disseram: ‘Pai, seja feliz.’”

Com sua mudança de visão do que é um homossexual, Francisco hoje trata o assunto de forma mais natural e isso permite que sua neta possa perguntar por aquele tio que sempre está junto dele. “Ela sempre questiona e quer saber se está tudo bem. Assim, posso ser um pai e um avô mais sincero, mais livre e com mais certeza do que sou e do que gosto. Ainda há muitos homens vivendo uma mentira e isso só traz sofrimento.” ■




CAROLINA
B U F F E T



Atendimento agendado
61.9239-7470 / 3568-5228

SMPW Quadra 05 Conj. 01 Lote 07
carolina.buffett@gmail.com

TRÊS7